

**ESTADO DO PARANÁ**  
**SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO**  
**DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL**

**Suinocultura Paranaense**  
**– evolução dos últimos 54 meses –**  
**(janeiro de 2005 a junho de 2009)**

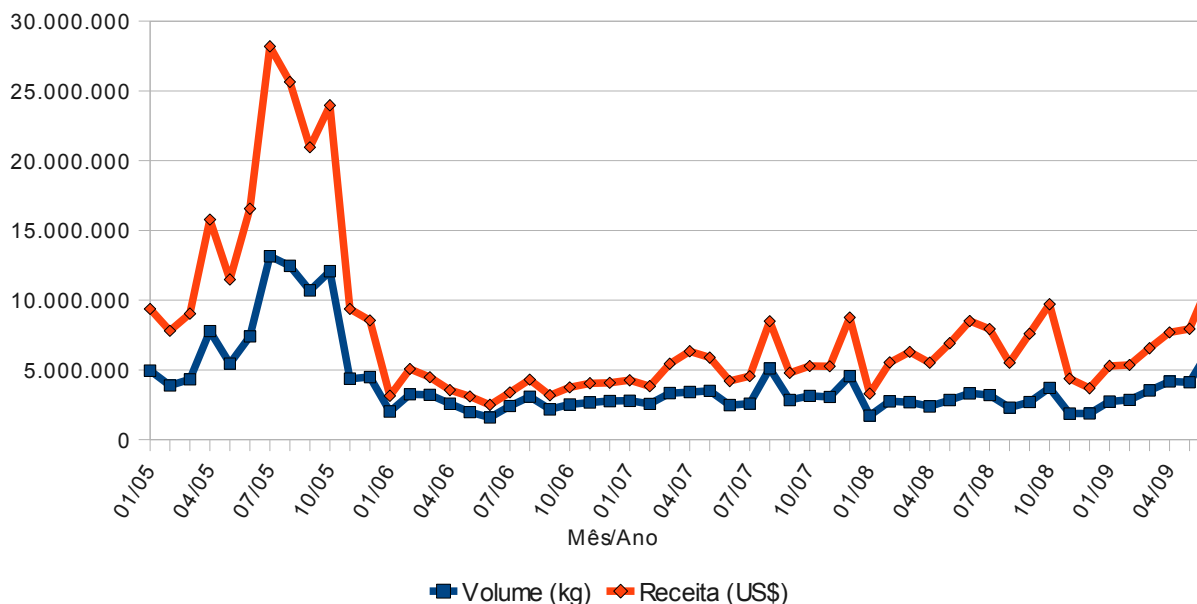
**Elaboração:** Méd. Vet. Ana Paula Brenner Busch

**Data:** 22 de julho de 2009.

Em junho de 2009, a exportação paranaense de carne suína bateu recorde de embarques mensais com o volume de 6,5 mil toneladas e receita de US\$ 11,3 milhões. É o maior registro mensal desde outubro de 2005, um mês antes dos episódios de Febre Aftosa que provocaram o embargo das exportações paranaenses de carne suína e bovina a muitos países. Desde novembro de 2005, a média de embarque mensal foi em torno de 3 mil toneladas e US\$ 5,7 milhões.

Nota-se, portanto, que apesar da crise econômica mundial, desencadeada em outubro de 2008, e da pandemia da Gripe A-H1N1, que iniciou no final de abril de 2009, o Paraná tem conseguido colocar seu produto no mercado externo em meio às situações adversas do cenário atual, superando a performance de 2006, 2007 e 2008, anos seguintes aos embargos por conta da Febre Aftosa, ou seja, a ocorrência desta tem conseqüências muito mais fortes que aquelas.

**CARNE SUÍNA – PARANÁ – Evolução das Exportações – janeiro/2005 a junho/2009**  
**(Volume – kg e Receita – US\$)**



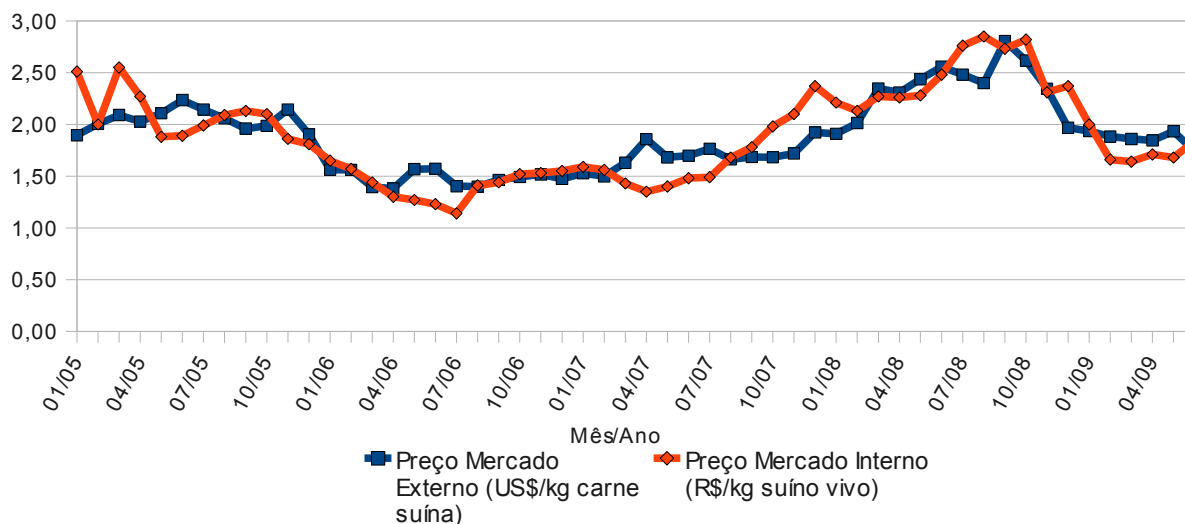
Fonte: AGROSTAT-MAPA

Elaboração: SEAB-DERAL

Mesmo após o reconhecimento pela OIE de que o Paraná é área livre de Febre Aftosa com vacinação e da suspensão do embargo das importações de carne suína pela Rússia (principal mercado externo), ocorrido no final de 2007 (dois anos após os focos de 2005), a recuperação das exportações em 2008 ainda foi tímida em relação ao volume. Porém, devido ao câmbio favorável às exportações e a alta dos preços internacionais dos alimentos naquele ano, obteve-se preços e receita satisfatórios, o que vinha impulsionando os preços no mercado interno e, assim, alavancando a atividade com o aumento dos investimentos em implantações de granjas na região dos Campos Gerais e no Oeste do Paraná – principais regiões produtoras do Estado.

Conforme o gráfico abaixo, observa-se que, no período analisado, a variação do preço da carne suína paranaense no mercado externo teve uma alta correlação (84,36%) com o preço do suíno vivo recebido pelo produtor no Paraná.

### SUÍNOS – PARANÁ – Evolução do Preço da Carne Suína no Mercado Externo (US\$/kg) e do Preço do Suíno Vivo Recebido Pelo Produtor (R\$/kg – Janeiro/2005 a Junho/2009



Fonte: AGROSTAT-MAPA e SEAB-DERAL

Elaboração: SEAB-DERAL

Assim, apesar das exportações neste período serem, em média, apenas 13,27% do total de carne produzida sob a Inspeção Federal (SIF) no Paraná, o mercado internacional dita os preços pagos aos produtores no mercado interno, independente do custo de produção do suíno vivo. Isto foi evidenciado quando, após a instabilidade geral devido à crise econômica internacional, houve uma queda brusca nas cotações internacionais – em torno de 38% comparando-se setembro de 2008 e junho de 2009 – e, conseqüentemente, dos preços no mercado interno – redução de 32,6% para os mesmos meses.

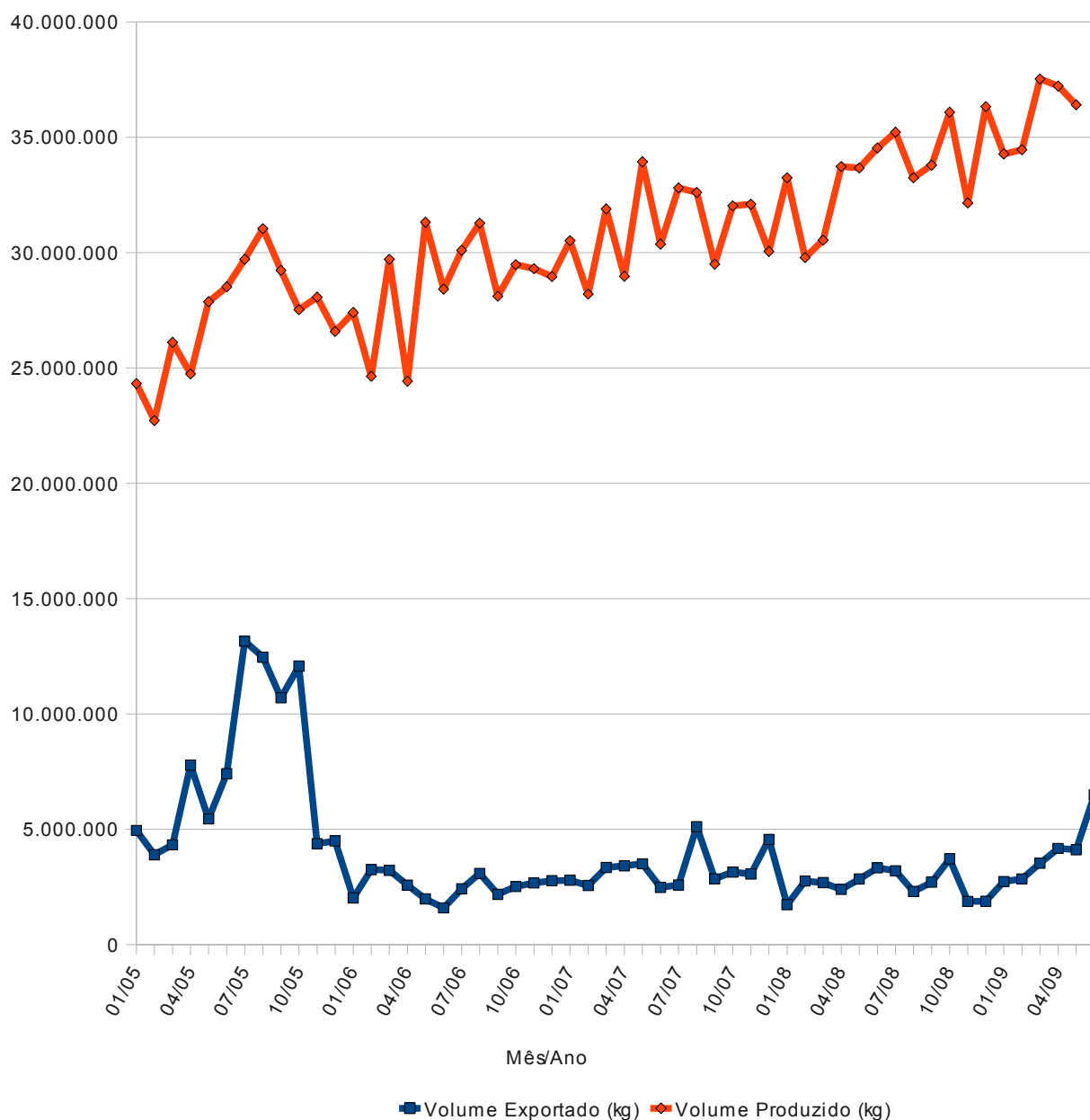
Fica a pergunta: Por que, com o aumento do volume exportado neste primeiro semestre de 2009 (51,9% em relação ao primeiro semestre de 2008) e, assim, provável enxugamento do mercado interno, os preços atuais ainda não conseguem sequer cobrir os custos de produção do suíno vivo?

Há duas razões mais evidentes: A primeira porque, sabendo-se que os preços no mercado interno acompanham os preços no mercado externo, estes não tem previsão

para retornarem aos patamares do ano passado, tanto devido à redução do poder de compra em muitos países por conta da falta de crédito para importações logo após o estouro da bolha financeira, quanto devido às seguidas reduções e instabilidades do câmbio, atualmente.

A segunda tem relação com a oferta de carne suína neste período. Basta observar no gráfico abaixo. Apesar das exportações permanecerem estáveis de 2006 a 2008, o volume de carne suína produzida no Paraná vem aumentando a uma taxa média de 7% ao ano neste mesmo período. O que não está sendo diferente neste primeiro semestre de 2009 pois observou-se aumento da produção estadual de carne suína em 11,75% em relação ao mesmo período de 2008.

### SUÍNOS – PARANÁ – Evolução da Produção da Carne Suína sob Inspeção Federal e do Volume de Carne Suína Exportado – Janeiro/2005 a Junho/2009 (kg)



Fonte: AGROSTAT-MAPA e SINDICARNE-PR

Elaboração: SEAB-DERAL

No início desta semana (20/07/09), representantes do setor suinícola de São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais e Paraná reuniram-se em Campinas a fim de discutir a crise que afeta o setor, em especial o preço recebido pelo produtor de suínos estar abaixo dos custos de produção durante boa parte desse primeiro semestre de 2009: o custo médio do suíno vivo no Paraná, segundo a Embrapa, de janeiro a abril de 2009, foi de R\$ 1,97/kg, sendo o preço médio recebido pelo produtor neste mesmo período de R\$ 1,75/kg – déficit de R\$11,00 reais por suíno terminado com 100kg.

Além disso, discutiu-se as variações desiguais dos preços nos principais elos da cadeia da carne suína: produtores, atacado e varejo. Comparando-se setembro de 2008 e junho de 2009, o preço recebido pelo produtor para o suíno vivo sofreu redução de 32,6% e no atacado o preço da carcaça suína reduziu 30,2%. Os preços dos cortes suínos no atacado caíram menos: 15,1% para o lombo, 20% para a paleta e 26,5% para o pernil. Entretanto, no varejo, os preços ao consumidor final tiveram reduções ainda menores: 6,8% para o lombo, 15,4% para a paleta e 16,7% para o pernil.

Percebe-se então que o consumo interno é sustentado – e não somente no Paraná, mas nas demais Unidades Federativas que consomem a carne suína paranaense. Aumentou-se a produção de carne suína, independente de aumentos significativos nas exportações. Ainda, apesar dos efeitos de redução de emprego e renda do brasileiro ocorridos no mercado interno em decorrência da crise econômica mundial – não tão graves quanto nos países desenvolvidos, mas ainda presentes –, os preços ao consumidor reduziram pouco se comparados à redução dos preços ao produtor. Então, por que ainda é difícil remunerar corretamente os produtores?

Segundo o representante do site Notícias Agrícolas, que acompanhou a mesa redonda, a conclusão a que se chegou em Campinas é que falta organização da cadeia. Os produtores não sabem como é formado o preço e, por isso, têm dificuldade de barganhar valores melhores, acabando por acatar o estipulado pelo mercado, o qual está centralizado em poucas indústrias processadoras de carne (e tendem a maior centralização no cenário atual com a fusão de Sadia e Perdigão – principais atores do mercado de carne suína – na gigante BRFoods), as quais, aparentemente, baseiam sua estratégia de mercado conforme a evolução do mercado externo. Mas, e o mercado interno? É muito claro que vem crescendo também, ainda tímido, mas se não estivesse crescendo, não seriam possíveis os aumentos de capacidade instalada de abate, não apenas no Paraná, mas principalmente as expansões ocorridas no centro-oeste brasileiro.

Observando outro setor granjeiro, a avicultura, esta vai bem, obrigada. Sua organização e o ciclo rápido de produção permitiram um ajuste da oferta assim que percebeu-se os primeiros reflexos da crise econômica mundial. A diferença é que esta cadeia é altamente integrada e, assim é mais fácil coordenar estratégias de grande porte como a redução dos alojamentos e da produção de pintainhos ocorrida no início do ano.

Mas, afinal, percebeu-se que era preciso reduzir o alojamento, mas quem é que arriscaria a reduzir primeiro? Lá na frente o preço estará melhor e quem não sacrificou o plantel teria maiores ganhos? O setor acatou a orientação da UBA – União Brasileira de Avicultura –, o que demonstrou a organização da atividade e refletiu em estabilidade dos preços. Ajustou-se o incremento tecnológico alcançado pela avicultura, que se moderniza continuamente para aumentar a produção reduzindo os custos em larga escala, à demanda estimada, para assim, alcançar melhores preços para o setor. Não basta

apenas aumentar mais a produção para ganhar mais se o mercado não puder absorver a quantidade produzida a preços satisfatórios.

Em relação à cadeia da carne suína ainda existem muitos fatores que dificultam o planejamento da produção: o nível de integração é menor e, em especial, no Paraná existe um número significativo de pequenos produtores independentes; além disso, o ciclo de produção do suíno é maior que o de frango: para granjas que produzem no sistema de terminação o ciclo é em torno de 5 meses, mas, como a maioria ainda produz em sistema de ciclo completo, ajustes no plantel de matrizes levam pelo menos um ano para surtir efeito.

Retifica-se, assim, a necessidade de organização da cadeia produtiva de carne suína: produtores, integrados e/ou independentes, frigoríficos e o mercado varejista, tanto para alcançar preços melhores, obter ganhos de escala pela organização de lotes em conjunto, quanto para identificar a evolução da oferta em relação a demanda e assim ajustar melhor suas estratégias de mercado, visando maior lucratividade e impulsionando todos os elos da cadeia.

Nesse contexto surgiu a idéia da Bolsa de Suínos, já em funcionamento nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina. Citada na reunião em Campinas como alternativa para alcançar melhorias de preços no setor suinícola, a Bolsa de Suínos nada mais é do que a organização dos produtores e dos frigoríficos de maneira a, juntos, estarem bem informados com relação ao mercado, no qual atuam, e suas tendências, e assim, entrarem num acordo no qual cada um cede um pouco e todos ganham, acertando preços justos e sabendo organizar a escala de produção e abate conforme o mercado.

Informação é essencial em qualquer atividade econômica. Aquele pequeno produtor, que não tem muitas opções de frigoríficos na região para vender sua produção, não busca novos meios de comercialização, não se informa da situação do mercado em outros estados e, assim, precisa aceitar o preço estipulado, está fadado a desaparecer. Diferentemente do boi, o suíno perde a qualidade se não for abatido e, portanto, é complicado segurar animais na propriedade visando a melhora do preço, mesmo porque a produção é cíclica e logo entram novos lotes para a engorda, portanto, há ainda que se planejar a produção constantemente.

Enfim, é preciso uma maior interação entre os elos da cadeia produtiva da carne suína, não apenas produtores e frigoríficos mas também as grandes lojas varejistas, para que juntos, consigam um maior equilíbrio de preço e oferta e, assim, um desenvolvimento sustentado da atividade suinícola no Paraná.

Ana Paula Brenner Busch  
Médica Veterinária  
SEAB/DERAL  
Divisão de Conjuntura Agropecuária  
Suinocultura/ Ovinocaprinocultura  
(41) 3313-4035  
anapaulabusch@seab.pr.gov.br